

O SIGNIFICADO DA ESCOLA PARA O INDIVÍDUO

JURACY C. MARQUES
Faculdade de Educação da UFRGS

Nos trabalhos propriamente da Jornada, me coube introduzir este tema "O SIGNIFICADO DA ESCOLA PARA O INDIVÍDUO". Gostaria, inicialmente, de lembrar aos presentes, que, na década de 50, Anísio Teixeira escreveu uma obra, hoje clássica e monumental, intitulada "Educação não é privilégio". O título da obra na negativa queria, de fato, significar que na época, educação era privilégio. Cabe-nos questionar até que ponto, no Brasil de hoje, década de 80, ainda a educação é privilégio. Se nós considerarmos que a grande seleção do sistema educacional brasileiro está ocorrendo nas 1^{as}. séries do 1^o grau e não como alguns ingenuamente supõem na hora do vestibular, podemos pensar que a Educação continua sendo um privilégio. A grande debandada, a grande perda, ocorre precisamente nesta passagem de 1^a para 2^a série. Com esta seleção tão prematura, nós educadores não só imaginamos como sabemos e nos preocupamos com o destino desta enorme população que não chega sequer a gozar da oportunidade de educar-se. Há, portanto, um contingente expressivo da população brasileira que não pode usufruir dos benefícios da Educação tornando-a, destarte, um privilégio. Se a educação é entendida assim e sempre o foi na nossa sociedade, é porque ela representa um valor, um valor cultural, independente da posição individual de cada um, um valor ao qual todos ambicionam.

Quando nós fazemos a junção do título da palestra que neste momento desenvolvo, entre o significado da escola e o significado da escola para o indivíduo, nós temos nesse exato momento a agência formal de educação chamada escola, e o beneficiário da educação que somos todos nós, que são os indivíduos que pertencem a esta sociedade, que mantêm esta Escola no aqui e no agora de sua realidade.

É nas relações entre indivíduo e sociedade que se dá o processo educacional. A compreensão mais profunda do que é a sociedade brasileira está começando a ser desvelada pelas inúmeras pesquisas que neste momento se desenvolvem nos centros universitários do país. A compreensão intuitiva do que é a sociedade nós sempre tivemos pelas nossas experiências pessoais, mas o que significa a operacionalização deste privilégio "educação" em termos do que a sociedade pretende, como seu projeto social, é alguma coisa relativamente nova.

no panorama educacional brasileiro. Então, é extremamente necessário que nós tenhamos, primeiro, uma consciência clara das relações entre o social e o educacional e, em segundo lugar e não menos importante que o primeiro, que nós possamos ver a relação dinâmica entre a escola que nós queremos como ideal de educadores e a escola que a sociedade precisa e quer como seus ideais de sociedade. Esta coincidência deveria ser exata, entretanto há aí, neste momento em termos de Brasil, profundas contradições a serem superadas. Neste momento eu estou tentando um tema extremamente difícil, que são as relações entre educação e cultura. Se a educação tem um compromisso com a cultura na qual ela está inserida, este compromisso é de duplo aspecto; por um lado a transmissão dos valores que esta cultura contém, e obviamente antecedido da compreensão e até do amor destes valores. E, em segundo lugar, que é a parte mais difícil, mais delicada, do próprio ser da educação que é a transformação desta sociedade. Transformação esta que deve levar a um aprofundamento e adaptação maior aos valores que são mais caros, ao social "per se" e não a qualquer grupo, mesmo que seja o educacional, que pretenda avocar a si o direito de ditar quais sejam os valores desta mesma sociedade.

Então com esta primeira tentativa de desbastar os ingredientes do problema, nós vemos que a escola tem um papel, ou tem uma posição que está intimamente comprometida com as demais agências sociais que compõem o todo de uma determinada sociedade.

Há dois aspectos no problema que eu gostaria de salientar: em primeiro lugar, é que tomando a cultura em abstrato, como eu acabo de fazê-lo, fica extremamente difícil pensar em significado da escola para os indivíduos, porque o Brasil, país continental, com uma enorme diversificação cultural, não só regional mas intra-regionalmente, acaba por se perder na pura abstração das relações que ocorrem na nossa imaginação e não no concreto.

Eu exemplifico e tento justificar o que acabo de dizer e tomo o meu caso pessoal. Eu nasci na colônia, sou filha de imigrantes colonos, criei-me na fronteira, no campo, fronteira com a Argentina, então tenho, também, a profunda influência da cultura chamada campanha; coexistem dentro de mim influências coloniais, da colônia particularmente, no meu caso colônia italiana, e da campanha. Aqueles que conhecem estas duas realidades do Rio Grande do Sul, e há outras realidades no Rio Grande do Sul (eu estou ligada a estas duas), sabem que os valores que condicionam o comportamento da gente de uma e outra localidade são profundamente distintos, e que a escola inserida, no interior de Santa Rosa ou Santo Ângelo será necessariamente diferente daquela inserida em Massambará, interior de Itaquí, São Borja ou de Uruguaiana. Terá de ser diferente sob pena de não alcançar o significado que precisa ter em relação ao indivíduo. Na região da colônia, comouseu sistema de minifúndios, com o cuidado e o esmero da casa com seus jardins, casas pobres, limpas, floridas e com cortinas, onde as escolas chamadas unidocentes

não têm muita vez, porque as colônias são pequenas, hoje há linhas de ônibus e as crianças tomam o ônibus para ir à cidade um pouco maior; então, a própria distribuição das escolas é inteiramente distinta daquela nas estâncias que nós vamos encontrar nos vastos pampas da região da campanha.

Na colônia, a mulher levanta muito cedo, faz pão, faz "chimia", atende tudo o que for necessário para o correto funcionamento da casa, e ajuda tipicamente o marido no seu negócio, nos seus afazeres, ou na agricultura. Na campanha, o estilo de mulher é outro, ela se preocupa com as relações que possam levar a influência direta que ela tem na família. Nestes dois exemplos, eu só quero chamar a atenção de que estes são valores, e são valores profundamente arraigados nessas pessoas e que, só na medida que nós conhecermos, e não só conhecermos, mas amarmos esses valores, seremos capazes de aprofundá-los no seu significado mais essencial. Li, há pouco tempo, um artigo que dizia que este é um dos indicadores de subdesenvolvimento. São aqueles povos do 3º mundo, que tendem a negar a sua identidade porque não reconhecem, não amam os valores que têm. Então, o que é que ocorre hoje? Ocorre que o pessoal da colônia tem vergonha de não falar bem o português, que os professores lutam e fazem tudo para levá-los a uma pronúncia que eles jamais terão; se os senhores tomarem os nossos professores universitários descendentes de alemão, ainda que tenham feito os mais altos estudos que se possa imaginar, eles têm sotaque. E ninguém acha feio, nem ruim que tenham sotaque, então porque querer corrigir o sotaque da criança de 5 anos, porque não aprender a achar até bonito isto, por que não? Então, primeiro é não nos envergonharmos daquelas características que são nossas e aprender a respeitá-las e amá-las.

Eu explorei um pouco os valores da colônia, numa tentativa de comunicar aos senhores a necessidade de amar os valores que estão impregnados na nossa cultura. E vejam bem estes dois exemplos, são exemplos mínimos de micro regiões do Rio Grande do Sul, agora vocês imaginem a quantidade de culturas que nós temos por este Brasil afora. Para mim é um erro nós tomarmos como tomamos no 3º plano Setorial de Desenvolvimento da Educação, Cultura e Desportos, as grandes regiões brasileiras, pois de novo nós vamos incorrer em abstrações. Nós temos que tomar as realidades locais e dentro destas realidades locais termos uma preocupação que é a análise histórica, uma das áreas mais deficientes dos nossos estudos educacionais, faltam-nos estudos relativos à história da educação brasileira. Os estudos que temos de história da educação brasileira não são feitos nem por historiadores nem por educadores, os poucos que existem. Está para ser feito, por exemplo, um estudo sobre o impacto — quais foram as conseqüências das três grandes reformas de ensino da educação brasileira? A reforma Capanema, a reforma Campus e a reforma Passarinho. Está para ser feito um estudo de qual o significado para a escola da influência imigratória nos estados da Região Sul.

Existem estudos relativos ao significado social dessa imigração, mas não em termos de escola. Na região em que eu nasci, que é Porto Lucena, os mais velhos, da geração dos meus pais, atravessavam o rio e estudavam na escola do outro lado, na Argentina. Por quanto tempo ocorreu isto? Isto teve algum sentido na nossa educação, na cultura regional, no desenvolvimento das pessoas, qual a repercussão que tem, hoje, nas escolas daquela região, o fato de terem sido influenciadas por escolas da Argentina? São estes pequenos aspectos que eu acho que demandam estudos maiores.

Em relação à cultura da campanha, eu gostaria de ler aos senhores um trecho que é de um estudioso que publica no *Correio do Povo*², não o lerei no todo mas apenas alguns trechos que interessa à tese, ou ao tema que nós estamos tentando desenvolver. Diz ele: - A vida da pessoa que "escuita" e conjumina é uma "ciência" dizia de dentro do seu saber o tio Fausto Balestraca, vivente velho, curtido e cascoteado como coruja de beira de breti, que de cima do moirão, vê passarem e passarem tropas e campeiros andantes e o tempo e os "zurrius" na longa expectativa das estradas do pampa. Pois de viver este mundo circular, vasto sutil e surpreendente, tomo no dito do tio Fausto, como "bala no oio de jacaré". Desde quando em menino comecei a ser anunciado pelo colégio em Uruguaiãna, logo de ter vindo da campanha, me dou conta. Instinto campeiro, ou intuição de relância, que largaram ali, como terneiro desmamado e posto longe da querência, fui vendo o jeito das pessoas naquele mundo novo, feitas ali, na cidade, e despacito e com calma, via, juntava, separava para não me estraviar no campo alheio, que tino eu tinha. E precisando aplicava a minha "ciência". Sabia que um cavalo redomão não se monta de sopetão, — que se vai a ele tentando o cabresto, tocando de leve no buçal, vendo onde está o estribo, observando se a cincha está bem apertada, falando, serenando os tremores do animal, e cuidando que haja campo aberto pela frente, para o caso de alguns corcovos.

Eu tinha cuidado, ouvia as pessoas, falava pouco. Sabia que só em passo empedrado se chega e cruza a trote, que se o arroio é atolador, encurta-se as rédeas e vai de "gavarito", é que se a água é funda, que dê acima das paletas, é preciso dobrar os pelegos "pra não moia".

Eu não ia ao pote dos professores adiantando saber, nem botava voz em cima deles. Sabia que não se acende fogo de balde, que não se gasta lenha à toa; que não se anda a galope nas pedras, para não estropiar os cascos da montaria e depois andar em cavalo manco por "onorância". Evitava provocações, desviava o corpo. Era discípulo de outros ensinamentos, que os campeiros ensinavam. Eles pos-

²ALMEIDA, J. A. Pio de. Enquanto anoitece o pampa sob um vxo de estrelas. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 13 set. 1981. Caderno Especial. p.4.

suíam o censo econômico da palavra, a sua precisão e a sua serventia, o manejo das coisas. Como a respeito das armas — isto aqui é um “revólve” e estes caramujos aqui dentro são balas, coisa séria. Só em último apuro se mete uma no “vurto”. Pois eles usavam também as balas de suas armas para espantar o susto no negrume da noite com uns estampidos, para salutar alguma alegria grande que se acaso viesse e “promode” os companheiros se ajuntarem, seguindo o fio do tiro, se se perdesse no mato em fundos desconhecidos.

Quando botei o pé aquém dos limites do meu pago trazia o meu “re-jume” e me sobrou espaço para ir selecionando as coisas sem tropicões nem desperdícios. E a vosmecê eu conto que o mais custoso, desde que saí do meu pago de Ibirocaí, foi evitar que me botassem uma canga no cogote.

Eu fui dando-me conta de um combate perdido, de meu epílogo antecipado pela decadência dos heróis — enquanto me habitam estas visões só de saudade do que poderia ter sido minha pátria riograndense, posta no homem, na qualidade, no símbolo.

Me diziam os campeiros que em campos de barba-de-bode e capim-limão, e o fingimento gruda como carrapicho, aí a gente não acampa. E vendo tudo isso ganhei estrada. E por me livrar, fui escapando. Como no lento amortecer da brasa, vou me encostando aos tições da velha saudade da “ciência” do tio Fausto e dos antigos companheiros do pago. É medindo léguas de diferença entre aquele e este mundo, vejo que os meus momentos são uma volta permanente ao círculo de onde vim, com a força de um eflúvio e a mesma irresistível certeza que há na lâmina de uma adaga.

A solidão do homem na natureza, o lado secreto das coisas, — que os nossos campeiros conhecem muito bem, — aquele dom do Pampa, há de sobrepor às cavilações de um mundo que não é dono de si, e que se torna assustador.

A sutileza de um povo — o campeiro — encadeado por metáforas e parábolas sobre o arco enorme, sensual e latejante, central e simbólico de um rio — o Ibicuí — esta a realidade que me anima e define, e que eu gostaria de ver depositada ali aonde a pátria se perde no superficial e no medíocre e distorcida se consola.

Acho uma excelente página para mostrar os valores do campo, do campeiro; mostra também que a escola para este indivíduo não teve um significado maior. O significado maior para ele veio da escola não formal, da escola vivida na convivência com os homens do campo, dos pedes de estância. É um homem inserido na sua realidade porquê? Porque amou a sua realidade, porque até hoje ela o acompanha com uma força vital de decisão existencial da sua vida; entretanto, é bem possível, que alguns dos filhos dos pedes de estância não tenham tido esta vivência e este amor que este escritor desenvolveu, porque talvez tenham vergonha de ser filho de peão de estância, e porque as escolas que

frequentaram não os ajudaram a revalorizar, a dar um novo significado aos valores que são a base da sua existência. Então a minha tese, hoje, é que o significado mais importante da escola para o indivíduo é que ela seja capaz de: primeiro, conhecer quais os valores que tecem a existência daquele sujeito e ajudar o indivíduo a amar esses valores, a se comprometer com eles, a defendê-los, a aprofundar o seu significado existencial e a transformar não a realidade em si, porque a realidade pode nos ensinar mais do que nós a ela, mas a transformar o significado que a realidade pode ter, em termos de bem estar para todos. O desejo maior seria de que todos os indivíduos filhos da região do rio Ibicuí tivessem o mesmo encanto e a mesma veemência no amor desses valores, e que não ficassem fingindo que são cidadãos de Porto Alegre quando na verdade nasceram e se criaram as margens do Ibicuí.

Era minha intenção analisar vários casos, mas considerando que nós temos pela frente todos três dias de trabalhos intensivos e que a minha grande mensagem hoje, é tentar mostrar as relações da educação com a cultura, me parece melhor ficar por aqui. Que nós todos possamos valorizar os valores que carregamos dentro de nós, com as "n" culturas aqui representadas são os meus votos mais sinceros. Muito obrigado a todos e felicidades para a Jornada.